

**VERDADE, SÍMBOLO E PÓS-COLONIALIDADE: AS CIÊNCIAS SOCIAIS ANTES  
E DEPOIS DO PÓS-ESTRUTURALISMO**

**VERDAD, SÍMBOLO Y POST-COLONIALIDAD: CIENCIAS SOCIALES ANTES Y  
DESPUÉS DEL POST-ESTRUTURALISMO**

**TRUTH, SYMBOL AND POST-COLONIALITY: SOCIAL SCIENCES BEFORE AND  
AFTER POST-STRUCTURALISM**



Juan Felipe do Prado ALVES<sup>1</sup>  
e-mail: [juan.alves@unesp.br](mailto:juan.alves@unesp.br)

**Como referenciar este artigo:**

ALVES, J. F. do P. Verdade, símbolo e pós-colonialidade: As ciências sociais antes e depois do pós-estruturalismo. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 13, n. 00, e024006, 2024. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v13i00.18587>



| **Submetido em:** 13/10/2023  
| **Revisões requeridas em:** 15/10/2024  
| **Aprovado em:** 12/09/2024  
| **Publicado em:** 29/11/2024

---

**Editor:** Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno

**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil Aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

**RESUMO:** Os estudos denominados pós-coloniais desempenharam um papel significativo nas ciências sociais ao introduzirem uma perspectiva inovadora sobre o desenvolvimento e as interações entre culturas. A presente pesquisa tem como objetivo principal apresentar as particularidades desses estudos, destacando seus propósitos e as influências acadêmicas oriundas do chamado pós-estruturalismo. Para isso, serão discutidas as contribuições teóricas de Michel Foucault e Pierre Bourdieu no que diz respeito ao desenvolvimento das ciências humanas no contexto da modernidade, bem como a forma como suas ideias fomentaram o surgimento dos estudos pós-coloniais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verdade. Vontade de verdade. Estudos pós-coloniais. Poder.

**RESUMEN:** Los estudios denominados poscoloniales han desempeñado un papel significativo en las ciencias sociales al introducir una perspectiva innovadora sobre el desarrollo y las interacciones entre culturas. La presente investigación tiene como objetivo principal presentar las particularidades de estos estudios, destacando sus propósitos y las influencias académicas provenientes del llamado posestructuralismo. Para ello, se discutirán las contribuciones teóricas de Michel Foucault y Pierre Bourdieu en lo que respecta al desarrollo de las ciencias humanas en el contexto de la modernidad, así como la manera en que sus ideas fomentaron el surgimiento de los estudios poscoloniales.

**PALABRAS CLAVE:** Verdad. Voluntad de verdad. Estudios poscoloniales. Fuerza.

**ABSTRACT:** Postcolonial studies have played a significant role in social sciences by introducing an innovative perspective on cultural development and interactions. The primary objective of this research is to present the particularities of these studies, highlighting their purposes and the academic influences stemming from the so-called post-structuralism. To this end, the theoretical contributions of Michel Foucault and Pierre Bourdieu will be discussed in relation to the development of human sciences within the context of modernity, as well as how their ideas fostered the emergence of postcolonial studies.

**KEYWORDS:** True. Will for truth. Post-colonial studies. Power.

---

## Introdução

Uma série de autores emergiu a partir do que ficou conhecido como os estudos estruturalistas, com Pierre Bourdieu e Michel Foucault sendo dois expoentes nesse campo. Ambos os autores compartilham a compreensão de que toda a sociedade humana se baseia em trocas simbólicas. Eles foram fundamentais para que surgisse nas ciências sociais a preocupação com a objetividade das pesquisas, destacando como essa objetividade não só negligenciava a ciência enquanto um discurso, mas também sua condição de produto de seu tempo e das relações simbólicas que fundamentam as pesquisas (Bourdieu, 2003; Foucault, 1996).

Em outras palavras, os autores questionam a atemporalidade e a posição de verdade absoluta atribuída às ciências. Tais benefícios atribuídos às ciências modernas decorrem do desenvolvimento dessas disciplinas, pois o que se assumia inicialmente era que as ciências eram instrumentos de excelência para revelar as verdades desconhecidas do mundo, as quais estavam prontas para serem descobertas pelas sociedades, à medida que a ciência progredisse adequadamente. As ciências sociais não escaparam a essa concepção de ciência. Durkheim, por exemplo, ao se preocupar em formular regras metodológicas para a sociologia, se deparou com a necessidade de buscar a objetividade nos estudos sociais para cumprir seu objetivo (Durkheim, Nasseti Nasseti, 2008)<sup>2</sup>.

A ciência, portanto, é o mecanismo pelo qual se alcança o progresso, por meio de seu potencial para desvelar as verdades. Ao longo deste trabalho, pretende-se expor a crítica a essa noção de ciência, que foi central durante a Idade Moderna, analisando de que maneira essa crítica se manifesta e quais as perspectivas que ela levanta para as ciências humanas a partir dessas abordagens. Para cumprir com esses objetivos, buscar-se-á apresentar os pensamentos de Pierre Bourdieu e Michel Foucault, cujas ideias, embora convergentes em alguns pontos e divergentes em outros, são centrais para a elaboração dessa crítica. Em um primeiro momento, será exposta à crítica de Bourdieu à concepção da prática humana como algo mecânico ou automatizado, mostrando como o autor formula uma teoria da prática como um ato simbólico. Em seguida, analisaremos como Foucault entende toda afirmação científica como discursiva e histórica, e o que isso implica. Por fim, será apresentado como o pensamento de ambos os

---

<sup>2</sup> A distinção entre normal e patológico a partir da distinção entre regular e irregular e a definição do fato sociais enquanto “coisa”, isto é, objeto de análise, demonstram o caráter objetivista das pesquisas de Durkheim.

autores influenciou a elaboração do que ficou conhecido como os estudos pós-coloniais, e quais são as pretensões desses estudos.

### **A verdade como fruto da relação simbólica**

Conforme mencionado anteriormente, o grande objetivo do desenvolvimento das ciências, de modo geral, foi estabelecer à espécie humana o poder de determinar o que é a verdade e qual a forma mais adequada para alcançá-la. A verdade, de maneira geral, era concebida como a exposição da realidade, a apreensão objetiva do mundo pelo ser humano, como um dado inquestionável. Nesse sentido, a verdade seria independente do discurso; ela estaria posta no mundo e não poderia ser contestada sem incorrer em erro. Foi a partir dessa lógica que diversas ciências se desenvolveram durante a Idade Moderna, e as ciências sociais não foram menos influenciadas por essa concepção. Essa perspectiva sustentou uma noção de história que pressupunha a continuidade dos fatos em sucessão, condicionados à linearidade (Foucault, 1996). Essa visão linear da história, combinada com a exatidão científica, fundamentou o pensamento positivista, que foi central para a consolidação e o desenvolvimento das ciências sociais, mas que posteriormente enfrentou críticas de diversos autores.

Foucault e Bourdieu, partindo de uma perspectiva simbólica da sociedade, anteriormente elaborada pelos estruturalistas, perceberam a necessidade de uma crítica profunda à concepção científica de verdade predominante. Conforme apresentado, a noção de verdade, nessa perspectiva, seria independente de símbolos ou discursos, ou seja, externa à humanidade, que deveria apenas apreendê-la. No entanto, as sociedades são estruturadas a partir de relações simbólicas que mantêm ou reformulam dinâmicas de poder e dominação, as quais, por sua vez, determinam o que é ou não considerado verdade.

Bourdieu abordou o problema de assumir a objetividade e a neutralidade da verdade em seus estudos sobre a linguagem. Para ele, um pesquisador que se propõe a estudar a língua, seja ela qual for, não pode limitar-se a analisar sua estrutura de forma objetiva, ignorando os usos de poder que se ocultam nessas estruturas rígidas e aparentemente neutra

Em poucas palavras, por não construir a prática senão de maneira negativa, quer dizer, na forma de execução, o objetivismo está condenado ou a deixar na mesma a questão do princípio de produção das regularidades que esse se contenta a registrar, ou a reificar abstrações, por um paralogismo que consiste em tratar os objetos construídos pela ciência- a “cultura”, as “estruturas, as “classes sociais”, os “modos de produção” etc.- como realidades autônomas (...) (Bourdieu, 2003, p.47).

Bourdieu observa que o objetivismo das ciências sociais falha em estabelecer uma compreensão articulada da realidade social, limitando-se ao mero registro do material visível. Ou seja, ao ignorar as relações simbólicas que permeiam o social, o trabalho do cientista social reduz-se à mera documentação do aparente, perdendo de vista as dinâmicas de poder e suas operações. Tanto Bourdieu quanto Foucault concordam que, para compreender o exercício do poder em termos sociais, é essencial interpretar o significado atribuído aos agentes que o exercem e àqueles que a ele estão subordinados, analisando as relações entre os símbolos e os significados que estes assumem para os indivíduos que com eles convivem.

Para Bourdieu, a estrutura da língua carrega intrinsecamente a estrutura de poder de uma sociedade. Ignorar as dinâmicas de poder presentes na linguagem impossibilita qualquer análise bem-sucedida, pois a língua não é um objeto neutro e, portanto, não pode ser tratada como tal. Reconhecer o poder que a permeia exige compreender as transfigurações e transformações da língua como expressões das mutações do poder simbólico, e não meras alterações estruturais. Bourdieu argumenta: “com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 2003, p. 7-8). Nesse sentido, a língua não é apenas uma ferramenta mecânica para comunicação, mas, sobretudo, um veículo pelo qual o poder é manifestado e reproduzido.

Dessa forma, pode-se afirmar que a verdade, no estudo da língua, reside na forma como ela se apresenta ao ser analisada. A língua não é estática nem externa ao ser humano; pelo contrário, a verdade é fundamentalmente definida pelo humano e em sua relação com a linguagem. Por esse motivo, Bourdieu conclui: “todas as proposições do discurso sociológico deveriam ser precedidas de um signo que se leria “tudo se passa como se...” (Bourdieu, 2003, p.52). A negligência em reconhecer a mutabilidade dos fenômenos simbólicos leva muitos pesquisadores ao erro de considerar o ser humano como um agente de racionalidade objetiva, cujas ações seriam guiadas exclusivamente por metas bem definidas. Esse equívoco está associado à visão reducionista do humano como um “homo economicus”. A partir dessas reflexões, Bourdieu afirma:

É preciso abandonar todas as teorias que tomam explícita ou implicitamente a prática como uma reação mecânica, diretamente determinada pelas condições antecedentes e inteiramente redutível ao funcionamento mecânico de esquemas preestabelecidos, “modelos”, normas” ou “papéis”, que deveríamos, aliás, supor que são em número infinito, como o são as configurações fortuitas dos estímulos capazes de desencadeá-los (Bourdieu, 2003, p.57).

Com isso Bourdieu não busca desestimular estudos sobre a prática humana e social, mas sim criticar estudos que venham a ter um olhar sobre a prática enquanto meramente objetivista e calculista, de forma a ignorar os poderes que se relacionam a partir dos símbolos e que estabelecem ordem nas relações sociais e, com isso, a própria realidade social. Dito de outra forma: a realidade social é a realidade imposta através das relações de poder que se sustentam a partir dos símbolos, os quais assumem significados distintos e, portanto, incorrem em estruturas de poder distintos. Neste sentido, pode se dizer que “o real é relacional” (Bourdieu, 2012, p. 28), e, assumindo-se que o real se dá a partir de relações simbólicas, é incoerente buscar por verdades imutáveis, atemporais, que precedam o simbólico. Bourdieu e Foucault constataam em seus estudos a verdade enquanto histórica, e não anacrônica.

### Verdade, vontade de verdade e discurso

Foucault (1996) também foi um importante crítico das ciências humanas como um todo pela forma com a qual trataram sua relação com a verdade. Para o autor as sociedades são fundamentalmente discursivas, sendo que estes discursos possuem poder sobre a sociedade, mas que também são o tempo todo controlados por ela:

Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p.9).

A partir da relação entre discurso e sociedade, Foucault identifica que, por trás de uma aparente *logofilia* (apreço pelos discursos), existe uma *logofobia* (aversão aos discursos). Essa aversão decorre da necessidade de que os discursos sejam ordenados e apresentados de forma coerente com as ideias aceitas por uma determinada sociedade. Caso contrário, eles serão desprovidos da coesão necessária para alcançar legitimidade e relegados à condição de discursos “loucos” ou “subversivos”. Esses discursos, ao não se alinharem aos parâmetros de normalidade discursiva, passam a ser vistos como manifestações do desejo individual de quem os emite, afastando-se do reconhecimento social.

É nesse contexto que a verdade desempenha um papel central como legitimadora dos discursos. Para que sejam aceitos e validados, os discursos devem ser orientados por uma “vontade de verdade”, que os alinha ao consenso relativo sobre o que é considerado verdadeiro em determinado momento histórico e cultural. No entanto, Foucault argumenta que a verdade não é um elemento externo ao discurso; ao contrário, é o próprio discurso que constrói e transforma a noção de verdade. Dessa forma, conclui-se que o sujeito discursivo está submetido às delimitações impostas pela ideia de verdade, e seus discursos precisam adequar-se a essas definições para alcançar legitimidade.

Essa delimitação tem implicações práticas. Como os discursos envolvem poder e constituem ações sobre o mundo, é necessário que sejam regulados. Inclusive as instituições devem alinhar seus discursos às noções de verdade para consolidar sua legitimidade. Leis e textos religiosos, por exemplo, frequentemente fundamentam-se em acontecimentos ou consensos previamente estabelecidos para dificultar questionamentos, uma vez que o poder conferido à instituição, por si só, muitas vezes não é suficiente para garantir a efetividade de suas palavras.

Assim, a “vontade de verdade” revela-se, essencialmente, como uma vontade de poder. É na relação entre discurso e verdade que se realiza o poder do discurso. Nesse sentido, percebe-se a influência do pensamento de Nietzsche sobre essa perspectiva. Já no século XIX, Nietzsche identificava disputas sociais pela delimitação da verdade como meio de legitimar determinados discursos, tornando-os “mais verdadeiros” que outros (Nietzsche; Burati Burati, 2005). Esse processo era evidente, por exemplo, no domínio da religião, que estruturava seu controle sobre os fiéis por meio da categorização de seus discursos como portadores da verdade.

O discurso que contrariasse as certezas da vida religiosa era considerado “louco” e, por isso, desprovido da potência da verdade. Pode-se afirmar, portanto, que Bourdieu e Foucault apresentam contribuições fundamentais para os estudos sobre poder, verdade e discurso, ao posicionarem a verdade como um fenômeno discursivo, simbólico e histórico, em vez de uma realidade externa e independente do humano. Essa conclusão possui grande relevância para o desenvolvimento das ciências, que, em vez de enxergar o cientista como um agente em busca de uma verdade objetiva no mundo, passa a considerá-lo como um agente que legitima seu discurso ao elevá-lo à categoria de verdade.

## **A crítica às ciências**

As produções científicas também estão sujeitas às mesmas delimitações impostas pela condição discursiva. Para Foucault, o saber científico constitui-se como um discurso científico, o que implica reconhecer que as interpretações sobre a realidade elaboradas pela ciência não são absolutas. Como discursos, estão sujeitos às limitações impostas pela noção de verdade, enquanto simultaneamente contribuem para sua produção. Assim como discursos religiosos e outros tipos de enunciados, os discursos científicos não podem ser emitidos por qualquer indivíduo ou grupo; há critérios específicos que determinam quem pode enunciar o que é aceito como “científico”. Esses critérios envolvem tanto as características do discurso quanto a autoridade de quem o emite. Dessa forma, a autoridade de um discurso não reside apenas em seu conteúdo, mas também no reconhecimento de seu emissor como confiável e legitimado.

Foucault argumenta que a verdade é essencialmente discursiva e não antecede o discurso. Por essa razão, o autor critica a concepção tradicional de história como uma linearidade contínua de fatos. A seleção de quais eventos são considerados históricos, quais consequências são enfatizadas e quais agentes recebem destaque faz parte da formação discursiva e não de uma verdade objetiva e exterior. Para Foucault, a história é constituída por descontinuidades e está em constante processo de elaboração. O relato histórico é, assim, um discurso moldado por perspectivas específicas, e quem narra a história participa do mesmo processo histórico que está sendo narrado. Da mesma forma, o cientista, ao elaborar um discurso científico, também se insere nesse contexto histórico. Nesse sentido, Foucault historiciza as ciências, defendendo que todo discurso científico é histórico. Ignorar essa historicidade implica analisar o discurso de forma anacrônica.

Bourdieu (2003) reforça essa perspectiva ao criticar a produção de manuais padronizados para a prática científica. Para o autor, cada pesquisa demanda métodos específicos, determinados pelo objeto de análise, pelos objetivos da investigação, pelo momento histórico em que se insere e por diversos outros fatores contextuais.

A concepção de verdade e de história proposta por Foucault contrasta diretamente com a noção hegeliana de dialética. Para Hegel, a história era impulsionada pela colisão de pensamentos conflitantes, cuja interação resultava em uma síntese que, por sua vez, seria também alvo de novas contradições em um processo contínuo. Essa abordagem estabelece uma relação estruturada e unidirecional entre as ideias, com a síntese como destino inevitável. Em oposição, Foucault rejeita a linearidade e a universalidade da dialética hegeliana, enfatizando



que tanto a história quanto o discurso científico são marcados pela pluralidade, pela contingência e pelas rupturas.

Foucault entende que a história se constitui a partir da relação entre discursos e os poderes a eles associados. Esses discursos, por sua vez, são intrinsecamente diversos, o que impossibilita a ideia de linearidade no movimento da história, dos discursos ou dos pensamentos. É relevante observar que a interpretação hegeliana sobre a dinâmica dos pensamentos e da história foi fundamental para a formação das ciências humanas. Ao questionar essa concepção, Foucault desafia as bases de uma parte significativa da produção nesse campo, ao mesmo tempo que propõe novas diretrizes para a análise do discurso e da história: “Para entender os discursos é preciso: questionar a vontade de verdade; restituir ao discurso o caráter de acontecimento; suspender a soberania do significante” (Foucault, 1996, p.51). Dessa forma, Foucault sugere que tanto a produção de material científico quanto sua análise devem ser encaradas como processos discursivos.

Com base nos trabalhos de Bourdieu e Foucault, diversos estudos têm revisitado os fundamentos das ciências humanas, buscando novas abordagens para a produção de conhecimento nesse campo. Essas revisões enfatizam a centralidade dos símbolos e discursos na construção das ciências humanas e sociais. Este trabalho, em particular, volta-se para um grupo de pensadores denominados pós-coloniais, com o objetivo de compreender as concepções que eles elaboraram acerca das ciências sociais e de alguns de seus temas centrais.

### **Estudos pós-coloniais: como repensar as ciências sociais**

Stuart Hall (2003) foi um autor de destaque, cujos estudos abordaram, entre outros temas, os conceitos de cultura e nação, com o propósito de compreender como essas noções se relacionaram com o desenvolvimento das nações caribenhas e suas culturas. Segundo Hall, a noção europeia de cultura foi construída em conjunto com a consolidação dos Estados-nação. Durante a Idade Moderna, os países em formação estabeleceram culturas que eram definidas pelo próprio conceito de nação. Contudo, com o processo colonial, essa cultura, inicialmente circunscrita ao território europeu, foi imposta às colônias de maneira coercitiva.

Pode-se afirmar que houve uma exportação forçada da cultura europeia para os territórios colonizados, de modo que essas culturas impostas passaram a ser vistas como “válidas” e essenciais às nações europeias. Nesse contexto, as colônias eram consideradas

carentes de uma cultura própria, sendo vistas apenas como reprodutoras das culturas dos países colonizadores. Essa visão essencialista de cultura, no entanto, é refutada por Hall. Para ele, as culturas não são inerentes ou exclusivas a cada nação; ao contrário, são construções relacionais, resultantes de interações simbólicas entre diferentes povos. Assim, não é possível falar em “culturas originais” ou “essenciais”, já que toda cultura é produto do desenvolvimento histórico de relações simbólicas, frequentemente transcendentais às fronteiras nacionais.

As culturas, conforme argumenta Hall, interagem e se influenciam mutuamente, mesmo diante das tentativas de imposição de limites territoriais. Dessa forma, o autor propõe uma visão dinâmica e interconectada das culturas, em contraste com as abordagens essencialistas que historicamente justificaram a dominação colonial.

A leitura de Hall em torno da cultura é um dos estudos que se convencionou chamar de pós-colonial. Sergio Costa (2006) exerceu um esforço para sintetizar do que estes estudos tratam e quais as preocupações que autores, como Hall, traziam. Costa destaca que os estudos pós-coloniais partem do princípio de que todas as afirmações são feitas a partir de uma posição social, que pode ser mais ou menos privilegiada. Nesse contexto, os indivíduos que ocupam posições desprivilegiadas frequentemente enfrentam o apagamento de seus discursos, enquanto os discursos dominantes se sustentam não apenas por seus conteúdos, mas também pela posição de poder que ocupam. Assim, os discursos privilegiados utilizam sua condição para perpetuar e consolidar seu status, promovendo suas afirmações como verdades universais<sup>3</sup>. Além disso, Costa aponta que as nações que não se enquadram no que é tradicionalmente denominado “países do centro” são frequentemente condicionadas a interpretar a realidade a partir de sua relação desprivilegiada com os países ocidentais do Norte global. Essa relação desigual influencia a maneira como essas nações produzem conhecimento e se posicionam no cenário internacional:

Hall enumera os principais recursos que, ao longo do processo de expansão colonial, vão nutrindo e constituindo o discurso West/Rest, a saber: os conhecimentos clássicos, as fontes bíblicas e religiosas, as mitologias (Eldorado, lendas sexuais etc.), além dos relatos de viajantes. A partir dessas fontes constituem-se as polaridades entre o Ocidente – civilizado, adiantado, desenvolvido, bom – e o resto – selvagem, atrasado, subdesenvolvido, ruim (Costa, 2006, p.119).

<sup>3</sup> Percebe-se que esta consideração sobre o discurso remonta a própria discussão apresentada anteriormente elaborada por Foucault, em que se conclui que toda a verdade é discursiva.

Os estudos pós-coloniais, portanto, buscam repensar as relações sociais entre os países considerando a posição de marginalidade posta aos países não-centrais, evidenciando, portanto, a hierarquização criada entre nações. O que os autores pós-coloniais buscam promover, portanto, é uma “descolonização da imaginação” (Costa, 2006, p. 121), não simplesmente uma crítica às relações de colonialidade, mas uma superação dos essencialismos que sustentam a distinção entre centro e periferia. A descolonização da imaginação passa pela reformulação das relações simbólicas que sustentam a colonialidade. Como Foucault e Bourdieu argumentaram, são os símbolos que sustentam as relações de poder, e o reordenamento simbólico e de suas significações reordena também as forças totalizantes que agem sobre o imaginário:

Não se trata, portanto, conforme Bhabha, de uma intervenção informada por um sistema de representação concorrente, mas de um lugar fronteiriço, de alguma maneira fora dos sistemas de significações totalizantes e que é capaz, por isso, de introduzir inquietação e revelar o caráter fragmentário e ambivalente de qualquer sistema de representação (Costa, 2006, p. 123).

Bhabha (1998) foi um importante autor que introduziu nos estudos pós-coloniais o foco sobre as fronteiras de cultura, o local em que habitam sujeitos postos como interculturais, e a existência deste “terceiro lugar” de discurso, isto é, um discurso que vem de um lugar heterogêneo e não formada por um sistema de representação específico ou que ignore as fronteiras de cultura. É a partir do terceiro lugar que as inconsistências dos sistemas de representação, inclusive do sistema que beneficia a dominação “*west/rest*”, são evidenciadas. Sergio Costa questiona a existência de um lugar que se possa dizer nos moldes do “terceiro lugar”, pois todo o lugar de discurso é estabelecido junto de sistemas de representação. Mas não deixa de ser importante a preocupação de Bhabha em enunciar a necessidade de não somente contrapor-se a um sistema de representação “*west/rest*” a partir de uma concorrência, mas de evidenciar seus problemas a partir a intersetorialidade cultural, do diverso, da fronteira.

Embora Foucault e Bourdieu não tenham concentrado seus estudos especificamente nas relações culturais entre os países, suas análises sobre desigualdade e poder proporcionaram uma base teórica que possibilita compreender e investigar as disparidades entre o “centro” global e as demais nações. Esses estudos, complementados por outros autores, ampliaram significativamente a capacidade das ciências sociais de abordar as relações de poder em nível discursivo.

## Considerações finais

Conclui-se que os pós-estruturalistas foram fundamentais não apenas para a elaboração de críticas às ciências humanas, mas também para o desenvolvimento de novas interpretações sobre as sociedades e suas dinâmicas sociais, incluindo os estudos culturais. Ao estabelecer a verdade como um constructo relativo ao discurso e à história, esses autores impõem como imperativo científico o reconhecimento da historicidade de tudo o que é enunciado. Isso ocorre porque todo discurso é composto por símbolos cuja relação com os significados nunca se esgota completamente.

Por esse motivo, torna-se possível repensar as relações de dominação e propor uma reestruturação das relações de poder veiculadas nos discursos, como apontam os estudos pós-coloniais. A presente pesquisa atingiu seu objetivo de apresentar, de forma breve, os fundamentos do pensamento pós-estruturalista e sua influência sobre os estudos pós-coloniais.

Como sugestão para trabalhos futuros, seria interessante explorar as convergências e divergências entre os estudos pós-coloniais e os estudos decoloniais, tanto em termos de métodos quanto de conclusões.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998, p. 19-70.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. *In* ORTIZ, Renato (org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003. p. 39-72.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia – A contribuição pós-colonial. **RBCS. ANPOCS**, [s.l.], v. 21, n. 60, p. 117-183, 2006.

DURKHEIM, Émile; NASSETI, Pietro. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **Da Diáspora** – Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003. p. 25-50.

NIETZSCHE, Friedrich; BURATI, Heloisa da Graça. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Rideel, 2005.

### *CRediT Author Statement*

---

- Reconhecimentos:** Agradeço à professora doutora Carla Gandini Giani Martelli pelo suporte necessário ao desenvolvimento de meus estudos para a elaboração deste artigo.
  - Financiamento:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)– Código de Financiamento 001.
  - Conflitos de interesse:** Não há conflito de interesse.
  - Aprovação ética:** O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa. Não foi exigido que passasse por comissão de ética.
  - Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais usados no decorrer da pesquisa estão disponíveis on-line e fisicamente em bibliotecas.
  - Contribuições dos autores:** Juan Felipe do Prado Alves foi responsável pela leitura dos textos citados, redação e revisão do presente trabalho.
- 

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

